

A teologia retórico-humanista do Padre António Vieira

Porfírio Pinto
CLEPUL
porpinto@gmail.com

Resumo

O padre António Vieira escreveu uma obra de circunstância – as cartas, os sermões e os papéis –, que ele chegou a apelar de «choupanas», e uma obra de grande investigação – a *Chave dos Profetas* –, que também apelida de «palácios altíssimos». Em todos os textos perpassa uma teologia retórico-humanista, que ele partilha com muitos dos pensadores do seu tempo, e com os seus confrades em particular. O inovador desta teologia é que ela faz também recurso a «novas» fontes (a reflexão histórica e a espiritualidade jesuíta) e a novas inspirações (próprias de Vieira) que a tornam única e merecedora de um aprofundamento que ainda não foi feito.

Palavras-chave: teologia positiva, retórica, *Exercícios Espirituais*, Reino, escatologia.

Abstract

The father Antonio Vieira wrote a work of circumstance – letters, sermons and papers – that he call «*choupanas*» [huts], and a work of great research – *The Key of the Prophets* – who he also calls «*palácios altíssimos*» [towering palaces]. In all these texts there is a rhetorical-humanistic theology, which he shares with many thinkers of his time, and particularly with its confreres. The innovative of this theology is that it also makes use of «new» sources (historical reflection and Jesuit spirituality) and new inspirations (from Vieira himself) that make it unique and deserving of a deepening that has not been done.

Keywords: Positive theology, rhetoric, Spiritual Exercises, Kingdom, eschatology.

O padre António Vieira, do ponto de vista teológico, é frequentemente associado à «segunda escolástica» ou, até, considerado um «medieval»! Esse juízo sumário ignora o percurso teológico do grande pregador jesuíta e revela uma leitura pouco atenta da sua obra teológica.

Se é verdade que Vieira estudou num ambiente típico da «segunda escolástica», para o qual contribuíram muitos dos seus confrades¹ – e a sua dívida a Francisco Suárez é grande, estando ainda por estudar –, os seus superiores desde cedo manifestaram a consciência de estarem perante uma inteligência superior e permitiram-lhe, como ele mesmo confessa, que não tomasse «postila» e compusesse ele próprio as matérias teológicas². Ora, esta liberdade, manifestada já em seus tempos de estudo, é uma característica de toda a sua obra «teológica».

Nas licenças para a publicação do volume *Xavier dormindo, Xavier acordado* (1694), o abade de São Bento da Saúde, professor substituto das cadeiras de Prima e de Vésperas (Teologia e Sagrada Escritura, respetivamente) na Universidade de Coimbra, frei Jerónimo de Santiago, di-lo de uma maneira inequívoca:

A fecundidade de seu talento é tão admirável, tão sublime, e tão universal, que sendo tantos os filhos da Companhia que ilustraram as Ciências em todos os séculos, como se vê do número sem número de seus escritos; neste nos dá a entender herdou o padre António Vieira felizmente os talentos de todos³.

Este teólogo, qualificador do Santo Ofício, toca num ponto fundamental: Vieira representa um ponto de chegada, de síntese, não apenas relativo ao desenvolvimento teológico interno da Companhia de Jesus, mas do próprio

¹ A «segunda escolástica» tem um cunho marcadamente jesuítico, já inscrito nas Constituições elaboradas por Inácio de Loiola: por um lado, a adoção da teologia de São Tomás de Aquino e da filosofia de Aristóteles como o núcleo do programa de estudos da Companhia; por outro, a introdução da chamada «teologia positiva», referida aos expositores antigos (os Padres da Igreja) e modernos (os intérpretes bíblicos modernos). Já nos *Exercícios Espirituais*, Inácio de Loiola apontava essa via: «Louvar a doutrina positiva e escolástica, porque assim como é mais próprio dos doutores positivos, tais como S. Jerónimo, S. Agostinho e S. Gregório, etc., mover os afetos, para em tudo amar e servir a Deus, nosso Senhor, assim é mais próprio dos escolásticos, tais como S. Tomás, S. Boaventura e o Mestre das Sentenças, etc., definir ou explicar para os nossos tempos as coisas necessárias à salvação eterna, e refutar e explicar mais todos os erros e todos os sofismas. Porque os doutores escolásticos, como são mais modernos, não só se aproveitam da exata inteligência da Sagrada Escritura e dos Santos Doutores positivos, mas ainda, iluminados e esclarecidos pela graça divina, ajudam-se também dos concílios, cânones e constituições da nossa Santa Mãe Igreja» (EE, nn. 368-369).

² Cf. «Memorial», in *Obra Completa Padre António Vieira* [OCPAV], dir. por J. E. Franco e P. Calafate, tomo III, vol. IV, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014, p. 439.

³ «Censura do Padre Doutor Frei Jerónimo de Santiago, Qualificador do Santo Ofício, e Dom Abade de São Bento da Saúde», in OCPAV, tomo II, volume XV, Lisboa, Círculo de leitores, 2014, p. 330.

pensamento teológico geral dos séculos XV a XVII, e que nós recentemente chamámos de «teologia retórico-humanista»⁴.

Esta teologia, globalmente, tem as seguintes características: é uma teologia que abandona a pura especulação (escolástica) e se converte em «teologia positiva», ou seja, uma reflexão teológica alicerçada nas «fontes» (sobretudo escriturísticas e patrísticas, mas não só, senão veja-se o uso que Vieira faz dos autores clássicos e da história); uma teologia, portanto, mais hermenêutica (uma *lectio* renovada) e persuasiva (com uma grande riqueza argumentativa); enfim, uma teologia preferencialmente prática e diversificada, privilegiando a ética e a política, veiculada em cartas, sermões e papéis de carácter ensaístico.

Todavia, Vieira é, fundamentalmente, um jesuíta. Na sua argumentação, recorre não apenas às fontes «tradicionais» da teologia (Escritura, Padres da Igreja, doutores e expositores, concílios e magistério dos Papas, etc.), mas interessa-se também pelas ciências humanas, em particular pela História: ele vê o tempo como o grande revelador da verdade das coisas. Mas não só: até os próprios textos da espiritualidade jesuíta se convertem em «fonte» do labor teológico, mormente os *Exercícios Espirituais*⁵. E depois, ele não renuncia às suas próprias intuições, fundadas na experiência pessoal, que fazem dele um teólogo para além do seu próprio tempo (e um precursor de outros tempos...).

«Nova teologia»: *lectio crítica e inventio engenhosa*

Antes da entrada da dialética e da metafísica no processo de elaboração teológica (nos sécs. XII e XIII) – que resultou no aparecimento da *quaestio* e da *disputatio* e, depois, da especulação da ciência das coisas divinas –, a teologia, denominada *Sacra Pagina* ou *Sacra Doctrina*, fora sempre um método essencialmente hermenêutico⁶. A *lectio* centrava-se sobretudo na leitura e

⁴ Ver a nossa tese de doutoramento: *Choupanas e Palácios. A arquitetura teológica da obra do Padre António Vieira*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, janeiro de 2017. A nossa linha de investigação deve muito aos estudos de Amos Edelheit e Lodi Nauta, particularmente: A. EDELHEIT, *Ficino, Pico and Savonarola: The Evolution of Humanist Theology, 1461/2-1498* (Leiden-Boston, Brill, 2008); L. NAUTA, *In Defense of Common Sense: Lorenzo Valla's Humanist Critique of Scholastic Philosophy* (Cambridge (Mas.)-Londres, Harvard University Press, 2009).

⁵ Isto é perfeitamente evidente no volume de sermões dedicados ao «Apóstolo do Oriente», São Francisco Xavier, no tríduo final («Sermão décimo: Canonização» e «Sermão décimo primeiro: Do seu dia»).

⁶ Cf. o estudo clássico de Yves CONGAR, «Théologie», in *Dictionnaire de Théologie Catholique*, vol.

interpretação de textos, mormente da Sagrada Escritura, e, com a ajuda das disciplinas do *trivium*, ela fazia uma espécie de «análise textual». Dava origem a glosas que, depois, eram seguidas de um juízo conclusivo do mestre: a sentença. Esta *lectio*, porém, era fundamentalmente uma leitura imitativa, uma vez que repousava sobre o comentário das «autoridades» (autores clássicos, filósofos antigos, Padres da Igreja).

Em reação à teologia especulativa escolástica dos séculos XIII e XIV, os humanistas e os reformadores (e mesmo os contrarreformadores) voltam a propor um regresso à *lectio*: cultivam-se os clássicos greco-romanos como «materialização» da humanidade civilizada (os *studia humanitatis*), mas também os clássicos cristãos, isto é, os Padres da Igreja (cujas obras são abundantemente publicadas...) ⁷. Esta nova *lectio*, contudo, deixa de ser imitativa – como outrora – e torna-se uma leitura «crítica» dos textos e dos seus autores. Já não são utilizados como «autoridades» que se citam segundo as necessidades, mas como «fontes» da argumentação teológica. *Ad fontes!* Regresso às fontes, mas que fontes? A Sagrada Escritura (e por isso é tão importante a *filologia* para os humanistas); os filósofos clássicos (que refletiram sobre os valores humanos fundamentais, razão de ser do *humanismo*) e os Padres da Igreja (aqueles que fizeram a *primeira síntese* da revelação judaico-cristã com a filosofia greco-romana antiga).

A par da *lectio*, renovou-se também o método da *disputatio*. Valla já tinha criticado a lógica escolástica por ser demasiado técnica, separada da gramática e da retórica e sem nenhuma utilidade prática, ou seja, um puro exercício técnico sem relação com os problemas reais das pessoas. Ele defendia uma dialética mais «retórica», o que viria a ser concretizado por um dos seus leitores: Rudolfo Agrícola, no *De inventione dialectica* (1479), em que define a dialética como a arte de «falar convictamente» sobre qualquer sujeito, privilegiando na sua obra a etapa da busca de argumentos (a *inventio*), mais do que o juízo sobre os mesmos (o *judicium*). Para ser realmente persuasivo, o orador/autor deve procurar e avaliar antecipadamente os

15-1, Paris, Librairie Letouzey et Ané, 1945, cc. 341-502. Mais recentemente, Francis FIORENZA, «Systematic Theology: Task and Methods», in F. S. FIORENZA-J. P. GALVIN (eds.), *Systematic Theology: Roman Catholic Perspectives*, 2.^a ed., Minneapolis, Augsburg Fortress, 2001, pp. 1-78.

⁷ A grande biblioteca patrística publicada por Jacques-Paul Migne não é outra coisa senão o resultado da tradução e publicação dos Padres da Igreja por parte destes humanistas, ao longo de vários séculos. Para a construção deste *corpus*, veja-se Pierre PETITMENGIN. «Les patrologies avant Migne», in A. MANDOUZE-J. FOUILHERON, *Migne et le renouveau des études patristiques: actes du colloque de Saint-Flour; 7-8 juillet 1975*, Paris, Beauchesne, 1985, pp. 15-38.

argumentos necessários para convencer o ouvinte/leitor, estruturá-los e ordená-los (*dispositio*), e estabelecer o tipo de discurso para cada caso.

Esta obra de Agrícola, não esqueçamos, teve um enorme impacto no séc. XVI, que valorizou muito o instrumento da *inventio* para estabelecer os chamados *loci* (lugares, tópicos, conjunto de argumentos). Baste recordar as obras de Philipp Melanchton (*Loci communes rerum theologicarum*, 1521), Melchor Cano (*De locis theologicis*, 1562) e Luís de Granada (*Ecclesiasticae rhetoricae*, 1576), esta última, sobretudo, pela criação do chamado género didascálico (ou «académico», muito útil para a reflexão filosófico-teológica)⁸. Esta renovação metodológica favoreceu o desenvolvimento da já mencionada teologia «positiva», que complementava a teologia «escolástica», ambas cultivadas pelos jesuítas.

A teologia de circunstância dos Sermões

Se nos parece exagerado classificar o teólogo António Vieira de «escolástico», em relação à sua teologia circunstancial (nos sermões, cartas e papéis vários), não temos pejo em admitir que ele foi fundamentalmente «barroco», no verdadeiro sentido da palavra (tal como a entendeu também o seu confrade jesuíta, e crítico literário, João Mendes). Nos seus escritos, ele busca como ninguém o «decoro» (o *aptum*), ou seja, a adequação entre a situação comunicativa e os fins perseguidos nesse discurso⁹. Nos sermões, ele procura que os conceitos engenhosos estejam ao serviço da Palavra de Deus, assumindo-se ele próprio como o «pregador evangélico» que exerce um ministério da palavra que tem por finalidade alimentar a fé dos fiéis. Nas cartas, procura a ação adequada ao bem da República (o bem comum) e assume-se como o homem prudente e avisado (o homem «sábio») com ideias sobre tudo o que o rodeia. Enfim, nos papéis vários, o conselheiro real e defensor dos índios persegue sobretudo servir a «razão de Estado» no sentido boteriano da mesma, ou seja, visando a conservação e o aumento do reino de Portugal.

Enquanto jesuíta, o padre António Vieira tinha por «obrigação» expor, divulgar e defender a doutrina católica estabelecida pelo Concílio de Trento (1545-1563). É isso que ele faz nos seus sermões. No entanto, Vieira não entende a tradição

⁸ Cf. Arnaldo ESPÍRITO SANTO, «A retórica do elogio», in *eHumanistica*, 22 (2012), pp. 190-210.

⁹ Cf. Alcir PÉCORRA, «Vieira: culto/anticulto», in *Suplemento*, 1309 (2008), pp. 3-7; João A. HANSEN, «Vieira e os estilos cultos: 'ut theologia rhetorica'», in *Letras, Santa Maria*, 21/43 (2011), pp. 25-62.

católica como uma herança morta, que se recebe, conserva e repete; para ele, essa tradição é um património em contínuo desenvolvimento¹⁰. E como a norma última de toda a pregação é a Palavra de Deus – a Sagrada Escritura –, com a qual se há de adequar o orador sacro, o pregador Vieira é como o sábio da metáfora evangélica que retira desse tesouro «coisas velhas e novas», que permitem o desenvolvimento do património católico. A abordagem dos temas mais significativos da teologia sistemática (da teologia trinitária à escatologia) mostra um Vieira aberto às reflexões mais inovadoras do seu tempo.

O mesmo carácter circunstancial está presente nas cartas e, sobretudo, nos papéis, em que se revela aquela teologia mais prática que mencionávamos anteriormente. O renascimento tomista do século XVI deu origem a um género de teologia moral novo: os tratados *De Iustitia et Iure*¹¹. Neles ocorre uma pioneira e fecunda experiência de integração interdisciplinar de várias matérias: filosofia moral, ciências jurídicas, teologia e direito canónico. É essa nova ética social cristã, nascida na chamada «escola ibérica da paz» (Salamanca, Coimbra e Évora), que fornece muitos dos argumentos que Vieira utilizará nos seus papéis em defesa dos índios, dos negros e dos cristãos-novos.

A «grande» teologia da *Clavis prophetarum*

Mas o que mais impressiona em Vieira é a permanência de certos temas ao longo de toda a sua vida. Foi por isso que tivemos a ousadia de comparar a sua *Clavis prophetarum* à *Cidade de Deus* agostiniana, também ela a obra de toda uma vida, onde Agostinho procurava explicar o que ocorria em seu tempo.

O tema do Reino de Cristo que – como assinala judiciosamente o padre António Lopes – o teria começado a marcar logo desde o noviciado, na conhecida «Meditação das duas Bandeiras» (centrada no «chamamento do Rei Eterno»), durante os exercícios espirituais inicianos¹², está presente não só nos escritos que constituem a obra profética, mas também na parenética¹³, em sermões que têm que ver seja com o

¹⁰ Cf. Leonel Ribeiro dos SANTOS, «Da verdade e do tempo: António Vieira e a "Controvérsia dos Antigos e dos Modernos"», in José Eduardo FRANCO (coord.), *Entre a selva e a corte: novos olhares sobre Vieira*, Lisboa-Florianópolis, Esfera do Caos, 2009, pp. 79-89.

¹¹ Cf. Marciano VIDAL, *Moral de Actitudes. Tomo III: Moral social*, Madrid, PS Editorial, 1979.

¹² No «Sermão 10: Canonização» do volume de *Xavier dormindo, Xavier acordado*, há uma clara alusão a este contexto dos *Exercícios Espirituais* (cf. OCPAV, t. II, vol. XII, p. 315).

¹³ Não esqueçamos que a parenética foi reelaborada para publicação já depois de escrita a obra

destino de Portugal (em torno da Restauração e do papel do rei português, D. João IV), seja com a evangelização direta (durante a sua estância no Maranhão), seja nos sermões sobre Santo António e, posteriormente, sobre São Francisco Xavier, ou ainda, enfim, nos sermões pregados por ocasião do nascimento dos infantes filhos de D. Pedro.

O tema do Reino, em Vieira, é fundamentalmente cristocêntrico e profético (ou «escatológico»). Quando fala de Reino de Cristo, Vieira refere-se a um reino «intermédio» entre o Reino de Deus (puramente espiritual e celeste) e os reinos dos homens (temporais). Esse reino intermédio de Cristo, com início na Encarnação, é simultaneamente espiritual¹⁴ e temporal¹⁵. Mas Vieira está consciente da dificuldade dos teólogos do seu tempo de pensarem um «reino temporal» de Cristo, porque a escatologia bíblica sofreu ao longo do tempo uma progressiva espiritualização, transcendentalização e dramatização¹⁶ com a qual Vieira não concorda. O Reino anunciado pelos profetas e inaugurado pela encarnação de Cristo tem que ver com este mundo e com os problemas dos homens; pelo que a sua melhor definição é a que é dada por São Paulo: é um reino de justiça, de paz e de felicidade jubilosa (cf. Romanos 14,17). Evidentemente, isso não impede que esse Reino tenha um prolongamento celeste (pois é um Reino eterno).

A maior preocupação de Vieira permanece o Reino espiritual de Cristo: a Igreja, Esposa de Cristo. É essa preocupação que o anima no esforço missionário: ele entende que todos os homens se converterão e incorporarão um único redil, sob um só pastor – mas, antes disso, são vários os redils, que Cristo não deixará de atender, conforme a revelação do mesmo no Evangelho de S. João (capítulo 10). Neste aspeto, não lhe falta razão quando afirma, diante do tribunal da Santa Inquisição, que as matérias de que trata seriam merecedoras de um concílio da Igreja universal para

profética. Em relação a *Esperanças de Portugal* (1659) e *História do Futuro* (1663-1665), isso é evidente. O primeiro volume dos *Sermões* foi publicado apenas em 1679. Ora, nesta altura, e segundo o testemunho do próprio Vieira – no «Ao leitor» desse volume dos sermões –, à *Clavis prophetarum* apenas restava uma última «demão».

¹⁴ O poder espiritual, no entendimento de Vieira, é exercido tanto por Cristo, como pela Igreja (e pelo seu Vigário, o Papa). No entanto, na *Clavis prophetarum*, o teólogo jesuíta concebe «dois corpos» de Cristo: o corpo místico (a Igreja) e a humanidade inteira, que não está sob o poder espiritual do Papa!

¹⁵ O poder temporal, no Reino de Cristo, é exercido unicamente por Cristo sobre os príncipes, podendo também Ele delegá-lo num vigário temporal. Nos textos mais patrióticos, e evocando o *Juramento a D. Afonso Henriques* (forjado em Alcobaça), Vieira apresenta o Rei de Portugal como possível vigário de Cristo para o temporal.

¹⁶ Esta evolução foi também estudada em nossos dias por Jean GALOT, «Eschatologie», in M. VILLIER-F. CAVALLERA-J. DE GUIBERT (eds.), *Dictionnaire de Spiritualité*, t. 4, Paris, Beauchesne, 1960, cc. 1020-1059.

melhor qualificação das mesmas¹⁷. Efetivamente, muitas dessas matérias serão tratadas no Concílio Vaticano II (1962-1965)!

Vieira encontra-se em diálogo com os grandes teólogos do seu tempo, por vezes discordando deles e avançando propostas talvez até demasiado inovadoras. O manuscrito da *Clavis prophetarum* não terá sido publicado por causa de duas dessas propostas que ofereciam algumas dúvidas aos censores: a restauração dos ritos judaicos no Reino consumado de Cristo e a sua interpretação do conceito de «ignorância invencível». O Concílio Vaticano II acabaria por lhe dar razão, ao abandonar o supersedionismo e integrar o conceito de «ignorância invencível» nos seus documentos. Ainda assim, parece ter ficado aquém das extraordinárias propostas do teólogo jesuíta, que evoca variadas vias de salvação (com incorporação ou não à Igreja) e a «multiplicada misericórdia» divina, cabendo nela uma efetiva universal salvação dos seres humanos!

Enfim, para Vieira – como para alguns teólogos do século XX (nomeadamente Moltmann¹⁸) – o Cristianismo é, fundamentalmente «escatologia», isto é, está orientado pela esperança (o princípio esperança de E. Bloch). A leitura dos antigos profetas convenceu Vieira de que, com a encarnação, teve início o Reino de Cristo (que é o «Quinto Império» no cômputo de Daniel), e que esse Reino se desenvolve ao longo da história até alcançar a sua consumação no que ele chama de «novo estado» da Igreja. Do ponto de vista cristão, toda a história humana se move na esperança da consumação do Reino, e esse Reino ocorrerá, inevitavelmente, na história, no tempo, como profetizaram os profetas antigos.

¹⁷ Cf. OCPAV, t. III, vol. IV, p. 185.

¹⁸ Cf. Jürgen MOLTSMANN, *La venida de Dios: escatología cristiana*, trad. de C. Ruiz-Garrido, Salamanca, Sígueme, 2004.